

Possíveis contribuições das bandas marciais para seus ex-integrantes: uma análise a partir das narrativas de vida

Comunicação

Rodrigo Lisboa
PPGM/CAPES¹/UFPB
rodrigoltrombonista@gmail.com

Maura Penna
Universidade Federal da Paraíba
maurapenna@gmail.com

Resumo: Esta comunicação é um recorte de pesquisa de mestrado. O estudo, que ainda está em fase inicial, tem como objetivo geral investigar as possíveis contribuições das bandas marciais através das percepções e experiências de seus ex-integrantes. Partindo de uma perspectiva qualitativa, utilizaremos as entrevistas narrativas e as entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados que nos permitirão acessar a história de vida musical dos entrevistados. Atualmente, encontramos-nos em etapa inicial da coleta de dados, realizando algumas entrevistas piloto com sujeitos de perfis semelhantes aos definidos neste trabalho. Acreditamos que este estudo poderá trazer contribuições para a área da educação musical e para as bandas marciais, proporcionando reflexões a respeito do papel desses grupos musicais e do ensino de música na vida dos sujeitos que, atualmente, são ex-integrantes e não seguiram a carreira como músicos profissionais.

Palavras-chave: Educação Musical; Bandas Marciais; Percursos de Formação Musical.

O contexto da pesquisa

A pesquisa em andamento tem como finalidade investigar as possíveis contribuições da banda marcial na vida de ex-participantes, que podem ter seguido a carreira como músicos amadores (que encaram a música como um hobby, tendo outras profissões de sustento), ou que simplesmente abandonaram a prática do instrumento, profissionalizando-se e atuando em outras áreas. O estudo apresenta os seguintes objetivos específicos: discutir a banda marcial como atividade que possibilita acesso à educação musical; identificar as expectativas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

e motivações que o aluno tinha ao entrar em uma banda marcial; analisar as significações subjetivas de sua relação com a música em diferentes momentos de sua vida; analisar os possíveis limites das experiências em bandas destacados pelos ex-integrantes.

O interesse pelo tema “bandas marciais e contribuições para os seus ex-integrantes” surgiu ao perceber que muitas das pessoas que participaram dessas corporações não optaram por seguir a carreira como músicos profissionais. No cotidiano escolar, escutamos com frequência que: “a banda auxilia o indivíduo a socializar com outros”, “a banda melhora o comportamento do estudante”, “o indivíduo que participa da banda obterá uma melhoria em seu rendimento escolar”. Estas são algumas frases que ouvimos no dia a dia a partir do convívio e da experiência com bandas marciais. Questionamos, então, se estas frases correspondem à realidade. Assim, como estas questões podem ser validadas e como podemos investigá-las através de um estudo científico? Tendo como ponto de partida essas ideias do senso comum, propomos este projeto de pesquisa a ser desenvolvido em um mestrado em música, tendo como problema/questão: **quais as contribuições das bandas marciais na visão de ex-integrantes?**

Apresentamos, então, esta proposta de investigação para compreender como o fato de aprender música na banda marcial pode influenciar o participante, quais autores já estudaram o assunto, quais foram os resultados dessas pesquisas. Também buscaremos estudos que tratam sobre os benefícios da música e, mais especificamente, da banda escolar. Segundo a percepção dos ex-integrantes, como a banda escolar contribuiu para algum aspecto das suas vidas?

Após a coleta de dados e sua análise cuidadosa, talvez as respostas não sejam tão positivas assim, quebrando as expectativas de muitas pessoas a respeito das bandas e fugindo de uma visão romântica que esconde os limites que estes espaços possuem. Não sabemos quais serão as conclusões desta pesquisa, mas esperamos que este trabalho possa contribuir de maneira efetiva para as pesquisas acerca das contribuições da música e das bandas escolares na vida das pessoas.

As bandas marciais e suas possíveis contribuições

As bandas marciais estão presentes nas comunidades brasileiras em diversas situações. Podemos apreciar estes conjuntos musicais em desfiles cívicos, em solenidades públicas, em inaugurações, em concursos de bandas, dentre outros eventos. De acordo com Nóbrega (2018, p. 34), as bandas são atrações principais de muitas cidades, exercendo uma importante função cultural nas comunidades. Elas não são manifestações isoladas, de um determinado local do Brasil, mas estão presentes no cotidiano de muitas cidades brasileiras. Estas bandas encantam o público nos desfiles cívicos e em outras apresentações, oportunizando o contato com diversos gêneros da música brasileira, como o xote, o samba, o baião, além de gêneros estritamente militares, como é o caso do dobrado e da canção militar.

Ademais, as bandas marciais são espaços onde ocorre o aprendizado musical, juntamente com outros aspectos não propriamente musicais. Podemos dizer que a banda não se limita ao aprendizado instrumental, mas vai além disso. Cislagh (2011, p.64) aponta que a banda exerce uma forte função de inclusão social, além de proporcionar uma sensação de realização pessoal. Para este autor, fica claro que a banda oportuniza o acesso à prática instrumental, além de desenvolver outras habilidades, como a socialização em grupo, a responsabilidade e a disciplina.

É comum encontrar ex-integrantes que ressaltam a banda como uma atividade que contribuiu significativamente para suas vidas, sobretudo em aspectos culturais e profissionais. Assim, a banda marcial constitui-se como uma ferramenta para a formação não só de aspectos musicais, mas também de aspectos sociais e culturais. O aprendizado musical torna-se apenas um dos aprendizados possíveis. Vínculos são formados a partir da relação que os participantes estabelecem uns com os outros e com a música – vínculos baseados na amizade, no reconhecimento, na disciplina e no prazer proporcionado pela prática musical (CAMPOS, 2008, p. 107).

Caminhando na mesma linha que a pesquisa de Campos (2008), Silva (2014, p. 112) considera que o trabalho das bandas é essencialmente educativo, oferecendo possibilidades de crescimento musical e social. Estar inserido em uma banda é ter a oportunidade de troca de saberes e vivências coletivas. A banda provê um enriquecimento cultural e artístico através

do conhecimento musical exigido para se interpretar as peças adequadamente. Além disso, o espírito de coletividade é desenvolvido através da interação participante/participante e participante/maestro.

Desta maneira, mesmo que ligado à prática instrumental, o trabalho desenvolvido nas bandas marciais tem sido considerado, pela literatura científica, como fundamental para o enriquecimento de experiências, para a aquisição de conhecimentos musicais, assim como para questões de socialização entre os indivíduos (CAMPOS, 2008; SILVA, 2014; LORENZET; TOZZO, 2009). Assim, as bandas marciais assumem um papel importante na vida dos sujeitos.

Como decorrência do caráter coletivo desta atividade, na banda formam-se grupos de amigos. Concordando com o trabalho de Silva (2014) sobre as contribuições sociais da banda música, acreditamos que presença do ensino coletivo gera uma sensação de pertencimento a um grupo, no qual o indivíduo se sente acolhido. O indivíduo encontra um ambiente favorável à formação de novos laços de amizade, tendo em vista que estes sujeitos estarão trabalhando coletivamente, seja em ensaios gerais ou mesmo em ensaios de naipes.

Lima (2007, p. 63), ao realizar um estudo de caso em uma fanfarra do estado de São Paulo, concluiu que somente os que participavam desta atividade desfrutavam das oportunidades de viagens para apresentações musicais, ocasiões nas quais puderam conhecer outras cidades, formar novas amizades e desenvolver a autoestima. Podemos supor que, para alguns estudantes, a banda marcial pode ser a única opção cultural e de lazer disponível. Além do prazer do aprendizado musical, a possibilidade de participar de viagens, ganhar prêmios, fazer novos amigos e contar suas experiências para outros alunos que não estão na banda acaba impressionando e atraindo novos participantes.

A banda marcial promove um sentimento de satisfação nos indivíduos (SILVA, 2014, p. 22), principalmente ao perceber que, após meses de dedicação e persistência, o resultado do trabalho musical desenvolvido nos ensaios foi alcançado nas apresentações. Esta satisfação pode mudar significativamente a vidas dos participantes, melhorando questões como a autoestima e a sensação de prazer.

Além disso, a banda pode ser a oportunidade que o jovem tem de estar imerso no fazer musical ativo. A música está em toda a parte: no celular, no rádio, na TV, nas ruas, nas mídias sociais. Porém, muitos jovens não têm acesso aos ambientes onde possam tocar,

cantar, apreciar um repertório musical, explorar os sons. Para muitos, a banda marcial pode ser a única alternativa para isso. Assim,

(...) as bandas, de uma forma geral, tornaram-se grandes celeiros de instrumentistas, de sopros (metais) e percussão, e, a partir do momento que essa prática está inserida no âmbito escolar, o número de alunos em contato com a música é bastante amplo. (NÓBREGA, 2018, p. 41).

Concordando com a ideia deste autor quando se refere à banda como um ambiente que definitivamente contribui para a formação de músicos profissionais no cenário brasileiro, logo nos questionamos: E quanto aos sujeitos que não optaram por seguir a carreira musical? Qual foi o papel da banda para quem não seguiu a carreira como músico?

Pudemos observar uma série de contribuições não musicais que andam de mãos dadas com a banda marcial. Tendo em mente tudo isso que foi exposto, nosso foco nesta pesquisa será localizar ex-integrantes de bandas marciais e conhecer suas impressões sobre a banda. Como foram suas trajetórias pela banda marcial? A partir de eventos e situações destacados por estes ex-integrantes, poderemos comparar suas narrativas com a bibliografia da área e apresentar algumas análises a respeito das contribuições da banda para aqueles que não seguiram a carreira musical.

Em busca do Sentido de Vida

Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra e neurologista austríaco fundador de uma das teorias que influenciou o conhecimento humano: a Logoterapia (AQUINO, 2013, p. 13). Sua história é marcada por questionamentos sobre o sentido da vida e da morte. Aos treze anos de idade, Frankl fica indignado quando seu professor de ciências o ensina que a morte nada mais é que um processo de oxidação. Assim, começa a se perguntar: qual o sentido da vida?

Frankl foi prisioneiro de campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, presenciando cenas de suicídio, desistência da vida e falta de esperanças perante o sofrimento. Durante esse período, buscava confortar seus companheiros questionando-se o porquê de tanto sofrimento. (AQUINO, 2013 p. 26; DAMÁSIO, 2010, p. 16). Depois de liberto, em 1947, continuou seus estudos acerca do sentido da vida.

A Logoterapia é um sistema prático e teórico da psicologia clínica desenvolvida no século XX que critica abordagens reducionistas que procuram compreender o homem apenas por suas dimensões biológicas e psíquicas, desconsiderando-o como ser dotado de liberdade e aberto ao mundo. (DAMÁSIO, 2010, p. 23). Sua proposta central é analisar a motivação primordial do ser humano que, de acordo com Frankl, é encontrada através da relação do sujeito com o mundo. Seus conceitos encontram-se fundamentados em três pilares: Liberdade de Vontade, Vontade de Sentido e Sentido de Vida. (DAMÁSIO, 2010, p. 24).

O primeiro pilar da Logoterapia, a Liberdade de Vontade, defende que o homem é um ser livre e responsável para decidir sobre as possibilidades que a vida dispõe. Sendo assim, o ser humano não é um ser autômato, mas um ser que constrói sua vida através das diversas decisões. (DAMÁSIO, 2010, p. 26; AQUINO, 2013, p. 48).

A Vontade de Sentido, segundo pilar da Logoterapia, é um problema essencialmente humano. O homem vive em constante busca sentido e identidade (AQUINO, 2013, p. 52). De acordo com a Logoterapia, a vontade de sentido é o que movimenta o homem através da constante busca por situações a serem vivenciadas e pela sensação de dever cumprido, ou seja, por um sentido de vida. (DAMÁSIO, 2010, p. 26).

O Sentido de Vida, terceiro pilar, difere de pessoa para pessoa, de momento para momento. Assim, o que importa é o sentido de vida de cada pessoa em particular, em determinado momento (FRANKL, p. 1991, p. 133). O sentido de vida permite-nos perceber que cada pessoa tem uma missão ou tarefa a ser cumprida, em que cada um é responsável por sua execução. A falta de sentido de vida ou a frustração pela busca de significados é denominado por Frankl (1991, p. 130) como “vazio existencial”, uma condição que geralmente ocasiona a indiferença, a depressão e outros fenômenos da sociedade contemporânea.

Em resumo, a Logoterapia considera o ser humano como livre, responsável pelos seus atos e que está em constante busca por um sentido para suas vidas. Assim, pode auxiliar-nos a compreender as relações que os sujeitos participantes desta pesquisa estabelecem com a música e com a banda ao almejarem um sentido para suas vidas.

Procedimentos metodológicos²

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, utilizaremos a abordagem qualitativa como procedimento metodológico. Como destacado por Bresler (2007, p. 12), a pesquisa qualitativa tem como características ser descritiva, interpretativa e contextual. Ou seja, a pesquisa qualitativa preocupa-se com os diferentes significados, eventos, experiências de vida, além de envolver perspectivas múltiplas de participantes situados nos mais variados contextos. Como aponta Günther (2006, p. 201), as crenças e os valores de cada contexto ou de cada indivíduo influenciarão a análise dos dados. Sendo assim, a tarefa do pesquisador é a de compreender os fenômenos e as singularidades do contexto estudado. A pesquisa qualitativa propõe, então, uma postura compreensiva, focando na interpretação de uma dada realidade social (QUEIROZ, 2006, p. 90).

Serão aplicadas duas entrevistas com cada participante. As primeiras serão entrevistas narrativas: os sujeitos relatarão suas histórias de vida musicais, seus relacionamentos com a música desde a infância, suas trajetórias nas bandas marciais de que já participaram e qual o papel que a música tem em suas vidas atualmente. As segundas entrevistas serão semiestruturadas, com o objetivo de complementar as informações obtidas nas primeiras, esclarecendo alguns pontos das narrativas dos sujeitos e explorando aspectos pertinentes a este trabalho.

A utilização das entrevistas narrativas tem como finalidade a história de vida musical de cada participante a partir de uma questão norteadora. Para acessar a história de vida musical dos sujeitos participantes desta pesquisa, propomos a seguinte questão norteadora: *Gostaria que você contasse a respeito da sua história de vida musical. Como começou o seu contato com a música (na família, na igreja, com qualquer tipo de música). Aborde como foi que você decidiu entrar na banda escolar e como foi sua trajetória dentro desta atividade. Conte-nos como as coisas ocorreram até os dias de hoje, qual a sua relação com a música atualmente, sem pressa e com detalhes. Tudo que for importante para você nos interessa.*

² Este projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil sob o número CAAE 04613918.8.0000.5188, recebendo parecer de aprovação em 27/02/2019.

Como apontado por Gibbs (2009, p. 81), as narrativas são instrumentos que dão voz aos respondentes, revelando os sentimentos e as vivências do sujeito. Partindo de como estes sujeitos se autodescrevem, uma narrativa pode dizer muito a partir de expressões e eventos destacados pelos respondentes. As narrativas podem revelar eventos fundamentais, momentos decisivos, planejamentos, pessoas importantes que influenciaram sua trajetória. As narrativas são “modelos de apresentação de experiências” (FLICK, 2004, p. 109). Neste sentido, faremos uma análise atenta das histórias de vida, extraindo metáforas, expressões, eventos, dentre outros elementos, sempre buscando relacionar estas narrativas com a literatura da área, além de procurar pontos em comum e divergências entre os narradores participantes da pesquisa (GIBBS, 2009, p. 87).

Após a gravação das entrevistas narrativas, entraremos na fase de tratamento dos dados através da transcrição das mesmas. A fase de transcrição de dados é uma etapa interpretativa, no qual a seleção do que é considerado relevante para a pesquisa é guiado pelos olhos do pesquisador (BASTOS; BIAR, 2015, p. 104). Primeiramente, todas as entrevistas serão transcritas na íntegra, destacando informações de natureza verbal e não-verbal. Neste caso, serão considerados regionalismos, gírias e expressões da linguagem cotidiana dos sujeitos. Realizaremos pessoalmente as entrevistas e sua transcrição.

Após a transcrição de todas as entrevistas, um tratamento gramatical será necessário nos trechos que serão citados. Como aponta Gibbs (2009, p. 31), “a fala contínua raramente vem na forma de sentenças bem construídas”. Dentro das dimensões deste estudo, cujo foco está no conteúdo das narrativas, consideramos pertinente “organizar” as falas dos participantes das entrevistas, tornando-as mais fáceis de ler e analisar.

Os entrevistados serão identificados por nomes fictícios e exemplos significativos de suas falas serão apresentadas no texto final desta pesquisa. Nos trechos citados, as marcas de gênero serão apagadas, garantindo o anonimato dos sujeitos, por questões de ética³. Informações como nome de cidades, escolas e bandas marciais serão também omitidas.

³ Por sua própria origem militar, as bandas marciais são predominantemente masculinas. Refletindo isso, no projeto de bandas da rede municipal de João Pessoa, há um número de mulheres regentes muito reduzido – apenas quatro. (NÓBREGA, 2018, p. 54).

Após a primeira entrevista e sua transcrição, uma segunda entrevista com os sujeitos participantes é considerada necessária para o desenvolvimento deste trabalho, objetivando explorar alguns dados relevantes destacados por eles e/ou para clarear alguns pontos nas narrativas que ficaram confusos ou ambíguos. Em outras palavras, servirá como complemento de informação. Sendo assim, como segundo instrumento de coleta de dados, utilizaremos a entrevista semiestruturada, ferramenta esta formada por um roteiro básico, de caráter flexível, contendo perguntas abertas (PENNA, 2015, p. 139). A aplicação deste roteiro é realizada de forma flexível, podendo haver mudanças na ordem das perguntas, sua reformulação, assim como podem surgir novas questões de esclarecimento durante sua aplicação.

Antes deste processo de aplicação efetiva das entrevistas narrativas e das semiestruturadas, consideramos necessário realizar algumas aplicações piloto para verificar a adequação das entrevistas em relação aos objetivos propostos e a nosso próprio treino para a coleta de dados. Esse pré-teste será realizado com sujeitos de perfis semelhantes aos participantes da pesquisa, mas que não farão parte da coleta de dados definitiva.

Os sujeitos que participarão da pesquisa serão ex-integrantes de bandas marciais, todos maiores de dezoito anos. Neste caso, não importa se participaram de uma ou mais bandas marciais da rede pública, privada, ou mesmo de uma banda marcial pertencente a um projeto social comunitário. Basta apenas que estes ex-integrantes tenham participado de uma banda marcial por pelo menos um ano letivo e não tenham seguido a carreira como músicos profissionais ou realizado um curso superior na área. Concordamos que um ano letivo de participação (dois semestres escolares) é considerado o tempo mínimo para que o sujeito tenha estabelecido uma relação com a banda, para que possa trazer dentro de suas narrativas diversas experiências vividas, o que é mais adequado aos objetivos da pesquisa.

Também só serão considerados os sujeitos que saíram da banda há até cinco anos. Ou seja, participantes que tenham deixado a banda, por diversos motivos, antes de 2014 não entrarão nesta pesquisa. Possivelmente, sujeitos que tenham deixado a banda marcial há mais tempo tendem a recordar apenas os momentos positivos, numa espécie de “saúde dos tempos em que participaram da banda”. O objetivo aqui não é construir um trabalho que fale

apenas de “como foi bom meu tempo de banda”, mas trazer tanto aspectos positivos quanto negativos destacados pelos narradores, que deverão ser discutidos nesta pesquisa.

Estes ex-integrantes serão localizados através do contato com outros regentes de bandas escolares que se disponham a ajudar no desenvolvimento deste trabalho. Tendo em mente que estes ex-integrantes já se distanciaram das bandas, mesmo que ainda participem esporadicamente de apresentações, será importante a estratégia de “bola de neve”: os entrevistados poderão indicar outros ex-integrantes que também possam contribuir com esta pesquisa. Serão utilizadas as redes sociais (Facebook, Whats App) para localizar estes ex-integrantes. Pretendemos selecionar dez ex-integrantes (podendo este número ser ampliado) cujos perfis atendam aos seguintes critérios: cinco sujeitos que ainda mantêm contato com sua banda, participando eventualmente de apresentações musicais; cinco sujeitos que não participam mais das atividades de banda.

Aos ex-integrantes, explicaremos a natureza da pesquisa, seus objetivos e seus procedimentos. Todos deverão assinar um termo de consentimento livre, deixando cada um deles cientes da utilização dos dados obtidos nas entrevistas, sua participação como voluntários no processo, a sua não identificação, assim como a importância desta pesquisa para o campo da educação musical.

Os pré-testes: algumas revelações

Dois ex-integrantes de bandas marciais, de perfis semelhantes aos participantes da pesquisa, foram selecionados para participarem de duas entrevistas, a primeira narrativa e a segunda semiestruturada.

O Sujeito 1 tem 51 anos de idade e atua como porteiro. Sua relação com a música começa ainda na infância quando assistia os ensaios da banda marcial do colégio em que estudava. Devido ao seu destaque, foi convidado a ser regente de bandas em outras escolas. Apesar de ter atuado profissionalmente na área da música, o Sujeito 1 revela que os motivos que os fizeram abandonar a carreira estão ligados à falta de valorização e de espaços disponíveis para o músico. Quando perguntado sobre seus sentimentos no momento em que decidiu abandonar música como profissão, o Sujeito 1 aponta: “*Foi entristecedor, não posso*

explicar. Assim... você sente um vazio, tanto que eu queria seguir como músico, mas veio essa queda aí, né? O motivo que eu já falei: falta de incentivo e falta de apoio". (Sujeito1, entrevista 2).

Percebe-se que o abandono da banda e da carreira musical ocasionaram uma série de sentimentos ruins que ele próprio tem dificuldades em definir: tristeza, vazio, angústia. Nesta perspectiva, esse trecho da fala do Sujeito 1 pode estar relacionado ao “vazio existencial” descrito por Frankl (1991, p. 130). Durante a entrevista, percebemos o quanto este sujeito demonstrava-se frustrado por não conseguir dar prosseguimento à carreira musical dentro da banda marcial.

O Sujeito 2 tem 49 anos de idade e atua como barbeiro. Este sujeito aponta que passou 9 anos envolvido como aluno da banda marcial do colégio que estudava, além de já ter atuado profissionalmente em diversos conjuntos musicais tocando baixo elétrico. A sua fala revela a importância que a banda marcial teve em sua vida: *“A questão de participação em banda, a questão de educação não só musical, como posso dizer... para formar sua personalidade. Educação de modo geral. [...] é um ambiente onde fiz muitos amigos que estão até hoje”*. (Sujeito 2, entrevista 2).

De forma similar, o Sujeito 1 aponta para algumas contribuições que as bandas marciais tiveram em sua vida: *“A banda, ela tem vários aprendizados especificamente da vida. [...] Colocar ele no caminho que o leva a ser uma pessoa responsável, centrada naquilo que quer, um bom profissional quer seja na música ou em outra área”*. (Sujeito 1, entrevista 1).

Nesta perspectiva, ambos os sujeitos apontam contribuições que vão além dos aspectos musicais, o que acaba por dialogar com a literatura da área da educação musical que trata das bandas e suas possíveis contribuições na vida das pessoas. (CAMPOS, 2008; NÓBREGA, 2018; SILVA, 2014; LORENZET; TOZZO, 2009).

Apesar de não atuarem profissionalmente com a música e não terem mais contato com o ambiente das bandas marciais, ambos os sujeitos mantêm uma relação de hobby com a música.

Rapaz, eu coloquei a música não como profissionalismo, mas como um hobby, inclusive eu participo de alguns grupos – orquestra de carnaval, grupo de forró pé de serra – para não ficar tão longe da música. [...] Sinto um vazio,

fica faltando alguma coisa, fica aquele espaço vazio. Então, você tem que preencher de alguma forma e eu preenchi assim, colocando a música como hobby. Já que eu não pude ser um profissional, eu coloquei ela como um hobby, né? (Sujeito 1, entrevista 2).

[...] ainda tenho muita saudade de tocar, porque é uma sensação indescritível. Nunca abandonei a música. Na verdade, abandonei a carreira, né? Dei um 'stand by', uma parada ali. Mas tenho expectativas com a música no futuro. Expectativa de voltar a tocar. Estudar, nunca parei. (Sujeito 2, entrevista 1).

Através da fala de ambos os sujeitos, percebe-se que é muito difícil abandonar a música, o que faz com que eles estabeleçam uma relação de hobby com o fazer musical. Neste sentido, pode-se dizer a música, durante muito tempo, foi o sentido de vida desses dois sujeitos, mas que por diversos motivos – principalmente relacionados ao mercado de trabalho – não foi possível prosseguir a sua “missão de vida”. Apesar de relatarem sentimentos de saudades e vazio, o fazer musical está presente na vida desses sujeitos. Assim, essa foi a “estratégia” utilizadas por ambos para contornar o vazio decorrente do abandono da banda marcial e da música como profissão.

Um estudo em andamento

No momento, nossa pesquisa encontra-se em fase inicial de coleta de dados, mas esperamos que esse estudo se acrescente a outros que promoverão o aumento das produções que investigam sobre as bandas marciais e suas contribuições para a vida dos indivíduos que já tiveram a oportunidade de participar destes ambientes musicais.

Este trabalho pode estimular os professores de música e regentes de bandas marciais a pesquisarem e conhecerem com o que estão lidando, no caso a música e a banda marcial. Pode também proporcionar uma reflexão sobre quais os verdadeiros objetivos de se ensinar e aprender música e quais são os benefícios deste aprendizado.

Já deixamos claro que esta não será uma pesquisa “romântica” no sentido de só destacar os pontos positivos em detrimento dos negativos, só para agradar ou satisfazer os amantes de bandas. Este será um trabalho crítico, com o claro objetivo de contribuir com as pesquisas relacionadas às bandas marciais. Desta forma, buscaremos, em momento oportuno,

partilhar os resultados de nosso estudo, esperando melhor compreender as funções que as bandas marciais exercem para a sociedade e, especificamente, para seus ex-integrantes.

Referências

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Victor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2013.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *Delta*, n. 31, especial, p. 97-126, 2015.

BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16, p. 7-16, mar. 2007.

CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 19, p. 103-111, mar. 2008.

CISLAGHI, Mauro César. A educação musical no projeto de bandas e fanfarras de São José (SC): três estudos de caso. *Revista da ABEM*, n. 25, p. 63-75, jan./jun. 2011.

DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA, Joilson P. da; AQUINO, Thiago A. Avellar de (Orgs.). *Logoterapia e educação*. São Paulo: Paulus, 2010.

FRANKL, Viktor Emil. *Em busca do sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991.

FLICK, Uwe. As narrativas como dados. In: _____. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 109-123.

GIBBS, Graham. Análises de Biografias e Narrativas. In: _____. *Análise de Dados Qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 79-96.

GÜNTHER, Hartmunt. Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: teoria e pesquisa*, vol. 22, n. 2, p. 201-210, mai./ago. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2> >. Acesso em: 20 de ago. 2018.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A banda estudantil em um toque além da música*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

LORENZET, Simone; TOZZO, Astrit Maria Savaris. Bandas escolares. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2009, p. 4893-4904.

MIGUEZ, Eloisa Marques. *Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2014.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. *A cidade das bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa*. 123f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2018.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: perspectivas para o campo da etnomusicologia. *Claves*, João Pessoa, n. 2, p. 87-98, nov. 2006.

SILVA, Francinaldo Rodrigues da. *A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música: um estudo com duas bandas escolares*. 203f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiás, 2014.